CIDADE: IMAGENS FOTOGRÁFICAS E OLHARES PLURAIS

Maria de Fátima Guimarães[1]

Cleonice Aparecida de Souza[2]

Esse texto apresenta considerações iniciais de uma pesquisa em andamento, cuja origem está ancorada tanto na nossa trajetória de trabalho com diferentes acervos documentais na Universidade São Francisco (USF), quanto no desdobramento de questões que emergiram ao longo de cursos que promovemos na área da educação patrimonial, destinados à comunidade local.

Temos por objetivo propor olhares plurais para a diversidade de experiências que implicam o viver no espaço urbano, privilegiadamente em Bragança Paulista. Tal objetivo emergiu das seguintes questões: seria possível contribuirmos para a construção de visões da história local que valorizassem a diversidade das práticas culturais e singularidades da ocupação urbana em Bragança Paulista? E, considerando-se que a resposta fosse positiva, a partir desses olhares plurais poderíamos contribuir para o ensino de história local trabalhando com imagens fotográficas?

Partimos do pressuposto que o professor é um intelectual continuamente em formação (GALZERANI, 2011), que constrói saberes específicos (CHERVEL, 1990) embasados em suas práticas educacionais. Consideramos que se estabelecermos um franco diálogo com professores do ensino fundamental das escolas municipais da cidade; poderemos abrir flancos para estimularmos olhares plurais sobre imagens fotográficas da cidade de Bragança Paulista. Essas imagens são reproduzidas e veiculadas em diferentes *mídias* para ilustrar os textos que contam a história da cidade. São imagens, produzidas por fotógrafos da cidade, no fim do século XIX e nas primeiras décadas do século XX; e, podem ser consideradas como "imagens oficiais" da

[1] Prof. Dra. do curso de pós graduação em Educação da Universidade São Francisco. Coordenadora de Gestão do Acervo do Cdaph da USF- Bragança Paulista.

[2] Doutoranda da FE-Unicamp. Coordenadora do Sistema de Bibliotecas e docente da USF.

cidade. A potencialidade de leitura que elas suscitam reside no fato delas poderem viabilizar o rompimento com uma dada versão da história de Bragança Paulista, que reafirma tão somente a importância da cafeicultura na economia local, o poder político e o perfil progressista dos grandes fazendeiros da época.

Para tanto, estamos identificando, analisando e selecionando fotografias com o intuito de organizarmos álbuns temáticos relativos ao cotidiano urbano. Dentre as possíveis temáticas que privilegiaremos em tais álbuns, delimitamos: a arquitetura local, as festas populares, instituições escolares, o lazer, o mundo do trabalho. Acreditamos com isso, contribuir para a pesquisa docente voltada para o ensino de história nas escolas municipais de Bragança.

Em nossa pesquisa analisamos fontes de natureza diversas, promovendo um diálogo polifônico entre elas. Isso garante maior compreensão do dialogismo (BAKHTIN, 1993) por entre as diferentes classes sociais, de visões modernas e, em particular, como estas reverberaram em novas sensibilidades relativas à cidade na virada do século XIX para o XX; além disso, esse procedimento abrirá brechas para o entrecruzamento de temáticas que balizaram diversas iniciativas sociais, calcadas, fundamentalmente, nos ideais de progresso, saúde, de educação e de valorização trabalho no espaço urbano.

As fotografias com que trabalharemos foram produzidas para registrar e perenizar paisagens urbanas que eram valorizadas naquele contexto. Elas são índices (DUBOIS,1993) e registros de um dado olhar, característico da racionalidade instrumental. Elas possibilitaram representações da cidade que nos sugerem uma dada narrativa e repertório sobre os valores e ideais que orientavam o olhar do fotógrafo.

As fotografias privilegiadas nessa pesquisa, muitas vezes, se constituem em índices (DUBOIS, 1993) de distinção social e poder, não são meros objetos de consumo (mercadorias), nem simples produtos de uma técnica auxiliar da ciência. Elas instauraram uma narrativa e repertório sobre a cidade, definindo uma dada inteligibilidade acerca do meio urbano, enquanto um lugar – espaço significado pela experiência e memória.

Algumas fotografias foram produzidas para registrar uma data festiva, uma paisagem qualquer ou um evento com participação popular. Algumas registraram um ente querido, mas necessariamente não são o registro de uma lembrança agradável de um momento significativo. As fotografias podem ou não ter sido fruto, única e exclusivamente, da intencionalidade, da criatividade e de experiências estéticas do fotógrafo, explorando as possibilidades deste ou daquele equipamento, suporte ou filme. Essas fotografias foram produzidas pelo olhar e recorte especializado do fotógrafo. Elas trazem inscritas, na sua origem, tanto os pressupostos da razão científica quanto a marca indelével do imaginário da época.

A produção de fotografias no período privilegiado é um forte indício da trajetória de constituição de uma nova profissão na modernidade – a do fotógrafo. Constituição assentada e legitimada também por esse advento técnico (invenção da câmera fotográfica), que atendeu à demanda de um mercado em ascensão, a partir de um dado referencial científico (a perspectiva cartesiana[3] e os pressupostos positivistas), em um registro diverso da forma escrita e oral, que teria dado origem à produção de narrativas e repertórios imagéticos próprios, distintos da pintura e do desenho.

É necessário também atentar para o fato de que, por estarmos acostumados a lidar e a conviver com imagens fotográficas em nosso dia-a-dia, é como se, desde sempre, o homem tivesse tais imagens mediatizando suas relações com o mundo e com aqueles que o cercam. As fotografias seriam um dado natural da realidade – alheias e impassíveis a quaisquer dúvidas de nossa parte, sem um tempo, espaço e história próprias. Essas fotografias remetem-nos à banalização do uso e veiculação de um determinado tipo de imagem fotográfica relativa ao espaço urbano, sobretudo no início do século XX no Brasil, porque já não atentamos para o fato corriqueiro de que, em algumas situações, são elas que acabam por mediatizar relações de controle e coerção sociais. Exemplos podem ser encontrados no uso de fotografias em documentos pessoais (carteiras de trabalho, identidade e motorista, crachás de identificação funcional, passaportes), em documentos escolares (fichas de identificação discente e docente, carteiras de estudante) ou na utilização de fotografias (produzidas por

[3] Vide SOLHA, Hélio Lemos. **A construção dos olhares:** imagem e antropologia visual**.** 1998. Dissertação de mestrado, Multimeios/IA/UNICAMP, Campinas.

fotógrafos profissionais ou amadores) de quaisquer manifestações políticas ou acidentes, por órgãos responsáveis pela segurança pública, na tentativa de rastrear e identificar os rostos e a presença de possíveis envolvidos, os lugares perigosos da cidade. Cumpre pontuar que a multidão compacta, indevassável e anônima que assustava as autoridades públicas e seduzia alguns cedeu lugar, paulatinamente, a rostos e registros individualizados, no limiar do século XX (BENJAMIN, 1986a).

Defendemos que a leitura e a discussão de quaisquer conjuntos imagéticos requerem que se atente para a particularidade de sua origem e suporte, uso e veiculação. Nesse sentido, Vidal alerta que:

> Na percepção da fotografia como monumento e no desafio de analisá-la enquanto fonte para a história, acreditamos que é necessário concebê-la como um discurso, singular na linguagem (não-verbal) em que é constituído, e que, por sua vez, é instituinte de maneiras outras de representar a sociedade e seus conflitos. Uma formação discursiva que produz regras de validação e hierarquização, gerando um próprio do ato de fotografar (1998, p. 84).

Acreditamos que tais considerações estimulem a busca de registros, ruínas de memória e identidades nessas imagens fotográficas, pois:

> O passado só se deixa fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido [...] Articular historicamente o passado 'como ele de fato foi'. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo. (BENJAMIN, 1986, p. 224).

Ao trabalhar com fotografias de pessoas em cenários e situações desconhecidas, elas podem dar a impressão de fragmentos dispersos, que não registram nada de significativo. Estes "fragmentos dispersos" não podem ser abordados como instantes recortados e congelados da realidade, à espera de serem resgatados por algum pesquisador, já que o potencial informativo de fotografias somente será:

> [...] alcançado na medida em que esses fragmentos forem contextualizados na trama histórica em seus múltiplos desdobramentos (sociais, políticos, econômicos, religiosos, artísticos, culturais, enfim) que circunscreveu no tempo e no espaço o ato de tomada do registro. Caso contrário, essas imagens permanecerão estagnadas em seu silêncio: fragmentos desconectados da memória, meras ilustrações 'artísticas' do passado (KOSSOY, 1999, p. 22).

Seria um alento se pudéssemos imaginar que qualquer fotografia é um artefato, que garante e/ou permite a transmissão de experiências individuais e coletivas por si só. Pois, se as fotografias são "... um elo material do tempo e espaço representado" (KOSSOY, 1999, p. 22), também são reminiscências descontínuas, fugidias e ambivalentes, que exigem uma abordagem e tratamento historiográfico, peculiar à sua natureza documental.

Enfim, acreditamos ter pontuado questões que estimularam-nos a enveredar pelo cotidiano de Bragança, em fins do século XIX e duas primeiras décadas do século XX, no encalço de algumas sensibilidades relativas à cidade, a par de olhares plurais suscitados por essas fotografias e pelo diálogo intermitente com diferentes acervos documentais, no árduo trabalho de buscar fios urdidos em uma trama distante no tempo, por entre as fontes escritas e fotográficas pesquisadas.

Entendemos a cidade como um campo de ação, uma arena de batalha – um lugar em que sujeitos e interesses plurais, públicos ou privados, coexistem. Lugar cujas histórias são marcadas pela provisoriedade e deslocamentos contínuos de sentidos, intrínsecos à modernidade capitalista (BENJAMIN, 1989), na guerra de símbolos (DEBORD, 1997) que se trava entre diferentes classes sociais.

Acreditamos que as experiências relativas à cidade precisam ser mediadas pela ação, interlocução e negociação entre os diferentes interessados, quando assim não ocorre tais experiências são relegadas à segregação ou à exclusão de determinados segmentos sociais tanto da participação na gestão da coisa pública como do atendimento de suas demandas relativas à qualidade de vida no espaço urbano. Nessa direção, lançamos mão da contribuição teórica de Gay quando propõe que a experiência "Além de ser um encontro da mente com o mundo [...] é também um encontro do passado com o presente." (1988, p.19).

Sendo assim, atentar para as mudanças nas visões de mundo e nos comportamentos ocorridos, em um determinado período, pode trazer à tona sensibilidades e sociabilidades que balizaram historicamente determinados olhares sobre a cidade. Para nós, tomar a cidade como um espaço que acolhe e instiga a formação de lugares de memória (NORA, 1993), significa tanto negar-lhe a condição de cenário e a transformação de suas histórias em espetáculos (DEBORD, 1997) quanto apostar na politização de seu cotidiano.

Por essa razão, procuramos abordar nessa pesquisa práticas socioculturais eivadas de temporalidades plurais, que tiveram por contexto a trama urdida por entre tensões e conflitos, latentes ou manifestos, passíveis de serem rastreados através da emergência de novas sensibilidades e sociabilidades relativas à cidade, que passaram a compor a experiência do viver na *urbis*. Pontuamos que a cidade em sua materialidade traz as marcas da ação do homem na sua relação com o espaço que, quando significado pela experiência, torna-se um lugar de memória. A cidade se desvela na trama de suas artérias e vias urbanas, na paisagem de sua arquitetura, no fluxo e ritmo dos corpos, das mercadorias e fluídos que passam por ela, nos odores e sons que a tomam. Ela instaura uma educação política dos sentidos (GAY, 1988), passível de historicidade.

Logo, nessa pesquisa tomamos a cidade como um *locus* multifacetado de sociabilidades e sensibilidades, que em seu processo histórico de transformação acolhe e exclui possibilidades de educar, por vezes, dissonantes e ambivalentes, através de práticas culturais distintas e ações políticas coletivas.

Abordaremos o processo de constituição da trama urbana de Bragança Paulista, em sua dimensão espaço-temporal, questionando uma dada concepção da história local, pontuando suas características, com o intuito de problematizar as imagens fotográficas tomadas como "oficiais" da história da cidade, tratadas como se fossem matizadas pelo olhar da neutralidade técnica, que as vinculam tão somente aos ricos cafeicultores, da virada do século XIX e das primeiras décadas do século passado, sem descurarmos das relações com a macro-história. Levantaremos e pontuaremos as idéias e visões de mundo que embalavam os as práticas culturais e as disputas políticas da pequena cidade de então, bem como os valores e idéias que orientaram o olhar dos fotógrafos locais, na virada do século XIX para o XX, comparativamente aos dias atuais.

Para tanto, consideramos que a possibilidade de propormos olhares plurais para a história local do período, tendo por mote tais imagens fotográficas, entrecruzando três movimentos distintos, mas complementares e simultâneos. O primeiro pressupõe que atentemos para alguns vestígios do processo de construção de imagens depreciativas do espaço rural e das pequenas cidades do interior, em detrimento de outras possíveis, no cotejo com a imagem vitoriosa das grandes cidades. Imagem que, na condição de contraponto, apresenta o espaço rural e as pequenas cidades envoltas pelos atributos de atraso e de lentidão, porque propõe que nesses lugares o tempo e o seu ritmo se pautariam, em grande parte, pelos ciclos da natureza – tempo de chuva, tempo de estiagem, tempo de plantio, tempo de colheita, tempo de engorda etc. − , o que significaria o distanciamento da lógica da produção fabril (THOMPSON,1998) por conseguinte, do progresso preconizado pela racionalidade instrumental na modernidade. O segundo, nos estimula a seguir em direção a uma versão da história local tomada pela idéia de transformação e de efervescência urbanas, no encalço da apologia do progresso econômico-cultural e do desenvolvimento técnico. De forma simultânea, o terceiro movimento, nos provoca a fazer uma leitura a contrapelo[4] (BENJAMIN, 1986b), de representações dissonantes e polissêmicas da cidade, rastreadas por entre diferentes acervos documentais, em particular fotográficos, de Bragança Paulista, em busca de possíveis silenciamentos de personagens e de acontecimentos nas histórias locais. A par de tais movimentos, problematizaremos e, em certa medida, relativizaremos a imagem prevalecente de transformação e de efervescência urbanas construídas quer seja pelos periódicos locais daquela época e por textos de memorialistas quer seja pelos acervos fotográficos, em busca de outras vozes e práticas socioculturais que ainda ressoam por entre as fontes, procedimento que viabilizará olhares plurais para a história local, a partir das próprias imagens tomadas como "oficiais" dessa cidade.

[4] Para Benjamin (1986c, p. 225) "Ora, os que num momento dado dominam são os herdeiros de todos os que venceram antes. A empatia com o vencedor beneficia sempre, portanto, esses dominadores. Isso diz tudo para o materialista histórico. Todos os que venceram participam do cortejo triunfal, em que os dominadores de hoje espezinham os corpos dos que estão prostrados no chão. Os despojos são carregados no cortejo, como de praxe. Esses despojos são o que chamamos bens culturais. O materialista histórico os contempla com distanciamento. Pois todos os bens culturais que ele vê têm uma origem sobre a qual ele não pode refletir sem horror. Devem sua existência não somente aos esforços dos grandes gênios que os criaram, como à corvéia anônima dos seus contemporâneos. Nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura. Por isso, na medida do possível, o materialista histórico se desvia dela. Considera sua tarefa escovar a história a contrapelo."

Nesse momento da pesquisa, estamos buscando flagrar e identificar possíveis transformações da malha urbana daquela época registrada em imagens fotográficas, a par do que iremos nos preocupar também em identificar quais eram as características das moradias e de seus habitantes – qual a origem deles? Em que trabalhavam? Como se divertiam? Haviam festas populares que mobilizavam a comunidade? Onde aconteciam? Se havia "causos" típicos da cidade?

Em nossa análise da transformação da malha urbana e da arquitetura local estamos sendo provocados a pensar sobre a diversidade dessa paisagem. Temos refletido acerca do ritmo das transformações que ocorreram no espaço urbano, naquele período, comparativamente ao que acontece na atualidade. As cidades caminham em direção a privatização crescente do espaço urbano (as crianças não brincam mais nos terrenos jogando bola, nem na frente de suas casas nas calçadas; as pessoas não se sentam mais nas soleiras das portas ou em cadeiras colocadas nas calçadas para compartilhar momentos de lazer; as praças públicas deixaram de serem pontos de lazer e entretenimento). Bragança Paulista passa por um processo de desocupação e derrubada dos imóveis mais antigos, ocorre à abertura de ruas em locais que antes havia vielas ou um casario mais humilde. O centro da cidade se esvazia de moradores, decorrente da ocupação dos imóveis pelo comércio ou por empresas prestadoras de serviços ou por estacionamentos privados.

O primeiro álbum temático, fruto dessa pesquisa, abordará a arquitetura local e as transformações da malha urbana. Ele acolherá imagens digitalizadas a partir de fotografias produzidas naquele período, para tanto partimos de um trabalho prévio de identificação de ampla e diversificada fonte documental acerca da história de Bragança Paulista. Chamamos a atenção para a possibilidade trazermos à tona fotografias que não foram sido acessadas e consultadas por outros pesquisadores. Isso significa que fontes inéditas serão disponibilizadas para a pesquisa da história local. Tais fontes permitirão que se instaurem possibilidades para a análise histórica da cidade, até então desconsideradas.

Como resultados prévios dessa pesquisa, pontuamos que observamos nas fontes consultadas até o momento uma enfática apologia das iniciativas destinadas ao embelezamento e à modernização urbana, calcadas nos ideais do higienismo e do

urbanismo. Na perspectiva da construção de imagens de uma cidade civilizada e culta, nas descrições históricas da cidade, encontramos nos artigos de anuários e almanaques bragantinos, tomados como fontes primárias, os teatros, os clubes e as casa de grandes fazendeiros e de grandes comerciantes ocupando o foco das narrativas, as quais descreviam a riqueza local com bastante veemência. Estes espaços privados e sua respectiva freqüência passaram a balizar o rol dos novos hábitos daqueles cidadãos que se entendiam civilizados e cultos. Já a abertura de escolas e de bibliotecas era noticiada enquanto iniciativa que testemunhava o apreço pelo progresso e pela cultura locais, como reconhecimento da supremacia do universo letrado e escolarizado – centrado no conhecimento científico – em detrimento de práticas outras de transmissão de conhecimento, assentadas nas tradições populares. A monumentalidade, a ornamentação, a iluminação, o arejamento, enfim, a modernidade dos prédios públicos, das casas particulares e das benfeitorias implementadas no espaço urbano, em sua grande parte, eram referendados tendo por modelo a capital do estado – a cidade de São Paulo.

À margem de tais fios narrativos desses periódicos locais, na descrição da trajetória histórica da cidade, os padrões de comportamento, as práticas de diversão e religiosas das classes trabalhadoras tenderam a ser fortemente silenciadas. Constrói-se uma imagem monolítica de civilização e de cultura, a reboque do catolicismo – da crença, dos cultos e das festas religiosas locais. Nas descrições históricas da cidade, as igrejas e as capelas locais eram apresentadas com destaque, assim como a presença de religiosos católicos no município.

Ainda, nestas narrativas e na maior parte das imagens fotográficas do período, constrói-se e reafirma-se a supremacia do café na região; contudo, em todas as descrições históricas da cidade encontram-se registros da existência de uma forte produção e comércio de cereais, bem como referências constantes ao comércio com cidades do sul de Minas e com a cidade de São Paulo. Não localizamos em nenhuma das descrições históricas da cidade, publicadas nos anuários e nos almanaques bragantinos, referências explícitas às tropas e aos tropeiros. Afinal, as tropas e os tropeiros não pareciam estar inscritos nos novos ideais da modernidade, calcados na urbanização crescente e no rápido avanço técnico dos meios de transporte e de

comunicação. Como comparar a força de tração e a velocidade de uma tropa de animais (burros, bestas e mulas; em alguns casos, os tropeiros recorriam até mesmo aos carros de boi) com uma locomotiva? Como comparar a resistência dos animais e a quantidade de mercadorias transportadas nos cargueiros colocados cada um de um lado, no lombo dos animais, com as possibilidades de transporte e de comércio que se abriram com a maria-fumaça? O trem era mais rápido, resistente e seguro para o transporte de mercadorias e pessoas que as montarias e as tropas. Contudo, é necessário lembrar que as tropas podiam transitar por caminhos que levavam aos mais distantes lugarejos em que a ferrovia não havia chegado e que, por vezes, tais tropas percorriam caminhos difíceis de transitar, para desviar dos fiscais de barreira, evitando, assim, o pagamento de impostos.

No rastro das dissonâncias e das polissemias locais, deparamo-nos também com a tentativa de silenciamento das histórias relativas às singularidades do cotidiano rural. Tudo (imóveis, objetos, crenças, tradições, valores, hábitos e costumes, práticas coletivas etc.) e todos que sinalizavam ou lembravam um possível vínculo com o espaço rural – que naquele momento aparecia como antítese do espaço urbano da grande cidade – eram execrados como insígnia de atraso, como indício de que aquele lugar e sua população não estariam vocacionados para o progresso. Muito embora em tal cenário, na Bragança daquela época, o poder político-econômico estivesse centralizado nas mãos dos grandes fazendeiros de café – afinal, a cafeicultura é uma atividade agrícola!

A cafeicultura era a principal fonte de divisas do município, no período privilegiado pela pesquisa. Foram os cafeicultores, juntamente com alguns capitalistas locais, que investiram na construção da ferrovia, bem como foram eles que tomaram a iniciativa de instalar a empresa telefônica e a energia elétrica na cidade. As iniciativas de modernização urbana de Bragança parecem que estavam centradas em uma intrincada teia de relações interpessoais: é um mesmo grupo de pessoas das elites locais que se envolviam e se alternavam em tais iniciativas; esse grupo, por sua vez, tendia a ter suas relações interpessoais fortalecidas pelos laços consangüíneos existentes entre eles e pelos casamentos entre os seus descendentes. Ferrovia, telégrafo e telefone são novidades que instauravam outras possíveis relações e sensibilidades das pessoas do lugar com o tempo e o espaço. A economia e a política locais estavam centralizadas nas

mãos de grandes fazendeiros e comerciantes. Bragança não se industrializou a passos largos nem em ritmo acelerado. Na época, nos periódicos bragantinos consultados, não existem referências à abertura de inúmeras fábricas na cidade – não houve um surto industrial em Bragança. Estas espocaram lentamente sem alarde, na imprensa local.

No período, as corporações musicais de Bragança apresentavam-se, como nas demais cidades, nas festas cívicas, religiosas e nos finais de semana em logradouros públicos, tais como o Largo da Matriz e o Jardim Público. As bandas musicais imprimiram novos ritmos aos movimentos dos corpos e aos fluxos urbanos, estimularam novas sensações relativas à sonoridade urbana, seus acordes passando a compor a paleta dos sons urbanos na modernidade. As bandas também estimularam novas formas de sociabilidade, assim como as comemorações cívicas, os bailes e os saraus também propiciavam momentos de convívio social, ao lado das tradicionais festas religiosas. Passavam também por Bragança companhias dramáticas e circos, vindos de outras cidades e até mesmo empresas de "cinematographos".

Esta pesquisa viabilizará, após o seu término, duas iniciativas futuras. A primeira, refere-se à possibilidade de deflagrarmos um processo de identificação de conjuntos documentais – para além das imagens fotográficas; que necessitem ser preservados com urgência, dado o estado de conservação precário, que com certeza, muitos daqueles acervos que localizaremos se encontraram. A segunda sugere que no transcorrer desse projeto levantaremos e identificaremos uma gama de fontes documentais acerca da cidade e seu entorno que, ficarão à disposição para consulta no CDAPH, finalizada a pesquisa. Acreditamos que esse estudo trará subsídios para elaborarmos projetos futuros destinados à educação patrimonial, em franco diálogo com diferentes escolas e segmentos sociais da comunidade local. Posto que, de acordo com o Guia Básico de Educação Patrimonial do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) educação patrimonial é o:

> [...] processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da

> Educação Patrimonial busca levar às crianças e adultos a um processo ativo de conhecimento**,** apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural**.** (HORTA *et al*, 2006, p. 6).

Ainda, a educação patrimonial pressupõe um

> [...] diálogo permanente que [...] estimula e facilita a comunicação e a interação entre as comunidades e os agentes responsáveis pela preservação e o estudo dos bens culturais possibilitando a troca de conhecimentos e a formação de parcerias para a proteção e a valorização desses bens. A Educação patrimonial pode ser assim um instrumento de "alfabetização cultural" que possibilita ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da trajetória histórico-temporal em que está inserido. [...] A metodologia específica da Educação Patrimonial pode ser aplicada a qualquer evidência material ou manifestação da cultura [...] Outro aspecto de fundamental importância no trabalho da Educação Patrimonial é o seu caráter transdisciplinar [...][5].

A par das considerações acima, e porque uma cidade permite-nos infinitas aproximações. Acreditamos que uma cidade são muitas cidades, comunidades plurais se articulam no espaço urbano, reinventando lugares e modos de viver, que ora reafirmam relações de poder e exclusão ora as subvertem e as transformam. Acreditamos que sem a percepção dessa pluralidade de histórias que uma cidade acolhe, é difícil para qualquer pessoa, na condição de cidadão, vivenciar o sentimento de pertença à uma comunidade, conceber a existência de laços identitários e um destino compartilhado e comum, entre si e as demais pessoas com as quais convive, nessa situação fica muito difícil vivenciar a alteridade, nesse sentido acreditamos que nossa pesquisa e seus resultados poderão contribuir para o ensino da história local.

[5] (HORTA, http://www.tvebrasil.com.br/salto/boletins2003/ep/pgm1.htm,acesso em 12/06/2009)

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento - o contexto de François Rabelais**. São Paulo: HUCITEC; Brasília: UNB, 1993.

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia**.** In: **Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas**. 2. ed., São Paulo:Brasiliense, 1986a.

_____. **Sobre o conceito de história.** In: **Magia e técnica, arte e política, Obras escolhidas**. 2. ed., São Paulo:Brasiliense, 1986 b.

_____. **Paris do segundo Império - A boêmia; Flâuner; A modernidade**,1ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1989c.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolres: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, 2, 1990, p.177-229.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo.** Trad. Estela dos Santos Abreu. RJ: Contraponto, 1997.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios.** Campinas, SP: Papirus, 1993.

GAY, Peter. **A experiência burguesa da rainha Vitória a Freud: a educação dos sentidos.** SP: Companhia das Letras, 1988.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. A produção de saberes históricos: saberes locais & saberes globais. **Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas**: Área do conhecimeto – História Ano I, nª 3, p. 53-57, julho de 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidade e ficções na trama fotográfica.** Cotia, SP: Ateliê, 1999.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, SP: PUC, nº10, p. 07-28, dez.1993.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum estudos sobre a cultura popular tradicional.** SP: Companhia das Letras, 1998.

VIDAL, Diana Gonçalves. A fotografia como fonte para a historiografia educacional sobre o século XIX uma primeira aproximação. In: FARIA FILHO, Luciano M. de. **Educação, modernidade e civilização.** BH: Autêntica, 1998.

FONTES PRIMÁRIAS CONSULTADAS

LEGISLAÇÃO MUNICIPAL CONSULTADA

Código Municipal de Bragança. Lei nº 160 de 21 de agosto de 1915.

Código de Posturas de 1877.

PERIÓDICOS LOCAIS

Almanack de Bragança para 1900. Bragança: Typographia Comercial,1899.

Annuario de Bragança para 1902. Bragança: Typographia da Cidade de Bragança, 1901.

Annuario de Bragança para 1904. Bragança: Typographia Andrade & Mello, 1903.

Almanach Bragantino 1914, organizado pela Papelaria Almeida em 1913.

O Guaripocaba (1877-1886).

A Notícia (1906-1907).

Renascença (1914).